

QUINTAIS: Paisagem cultural e lugares folkcomunicacionais na cidade de Cuiabá, Brasil¹

Backyards: Cultural landscape and folkcommunication places in Cuiabá, Brazil

*Heidy Yilibeth Bello Medina*²

Resumo: *O presente texto pondera a importância dos quintais em Cuiabá, Brasil, como um elemento relevante para a construção social da paisagem cultural e como lugar folkcomunicacional dos saberes e socializações locais.*

Palavras-Chave: *Quintais urbanos. Folkcomunicação. Paisagem cultural.*

A folkcomunicação, desenvolvida pelo teórico da comunicação Luiz Beltrão nos anos 60, expõe um panorama relevante nos estudos da comunicação e cidade, em relação a ponderar os lugares comunicativos dos marginalizados no processo de urbanização das cidades brasileiras dando relevância ao viver, querer e sonhar, dimensões que apresentam um carácter material e existencial do espaço em relação à cultura.

A preocupação da folkcomunicação por enunciar espaços múltiplos da cidade como proeminentes para o encontro coletivo, a troca de informações, de conhecimento, lugares de fé ou de lazer, permite refletir sobre o dinamismo da cultura, mas também sobre como desde a cultura é possível pensar o espaço expressado na diversidade de paisagens das cidades brasileiras e latino-americanas que se representam visualmente como desiguais, fragmentadas, folclóricas, culturalmente vivas e, portanto, socialmente tensas.

O presente trabalho, desdobramento da tese de doutorado “Quintais: Lugares, saberes e afetos na paisagem cultural em Cuiabá”, em andamento no Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso, apresenta uma reflexão

¹ Trabalho apresentado à DTI 13 – Folkcomunicação do XVI Congresso IBERCOM, Departamento de Comunicación, Facultad de Comunicación y Lenguaje, Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, Colombia, 27 a 29 de novembro de 2019.

² Doutoranda em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso, sob orientação do Prof. Dr. Yuji Gushiken no Grupo de Pesquisa em Comunicação e Cidade (Citicom-UFMT/CNPq). Bolsista Capes/Fapemat. E-mail: heidy.bello@gmail.com.

sobre os quintais urbanos como elementos da paisagem cultural e lugares folkcomunicacionais em Cuiabá, o que passa pela compreensão desses espaços domésticos como ligados às camadas populares e constituintes da paisagem da cidade.

Ao se refletir sobre a experiência comunicativa que atravessa a contemplação dos quintais como relevantes para a paisagem cultural de Cuiabá, pensamos como o espaço é relevante para a constituição da cultura, mas também como a cultura dá forma ao espaço (COSGROVE, 2012) através da ritualização do cotidiano (BELTRÃO, 1980). Assim, apreciamos uma bifurcação que nos conduz a pensar na paisagem cultural de Cuiabá e a importância da vegetação presente nos espaços domésticos e nos quintais urbanos como lugares folkcomunicacionais onde se possibilita o encontro e o desenvolvimento de práticas e saberes singulares da cidade.

A cidade e a vegetação

Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, está localizada no Centro Oeste brasileiro e no Centro Geodésico da América do Sul, incrustada no cerrado brasileiro e próxima ao pantanal mato-grossense, a maior zona alagada do mundo. A cidade conta como uma população aproximada de 612.547 pessoas, segundo o registro do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE de 2019.

Junto com os municípios de Várzea Grande, Santo Antônio de Leverger e Nossa Senhora do Livramento, Cuiabá conforma a Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá instituída em 2009, mediante lei complementar estadual nº 359, e é considerada como a terceira aglomeração urbana em população no Centro-Oeste brasileiro.

Cuiabá, que em 2019 completou seus trezentos anos, demonstrou um acelerado crescimento desde a década de 1960 quando contava 57.860 habitantes, conforme os registros do IBGE. De acordo com o Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano da Prefeitura de Cuiabá (2007), o aumento significativo da população se deve às políticas e incentivos federais para a ocupação da Amazônia e a integração nacional. As medidas do governo federal provocaram a constituição de grandes empresas agropecuárias no Norte do Estado, (Região da Amazônia Mato-grossense), que propiciou em Cuiabá fluxos migratórios em constante aumento que demandaram a ampliação urbana e uma modernização da paisagem. A transformação da cidade

nesse processo de metropolização e verticalização não somente mudaria as práticas de moradia, mas também outros assuntos do cotidiano.

No início do século XX Cuiabá foi denominada “Cidade Verde”, através de um poema de Dom Aquino Corrêa. Na primeira estrofe, ele escreve: “Sob os flabelos reais de mil palmeiras, Tão verdes, sobranceiras. E lindas como alhures não as há, Sobre alcatifas da mais verde relva, Em meio a verde selva, Eis a ‘cidade verde’: Cuiabá.”. (CORRÊA, 1985 como citado em ROMANCINI, 2005, p. 45). A cidade tricentenária tem sido representada por meio de diversos recursos comunicativos enaltecendo a ampla vegetação, visível até os dias atuais.

O epíteto dado a Cuiabá como Cidade Verde, e considerando a percepção atual, que segundo relatos manifestam uma rejeição sobre a existência dessa ideia (Medina, Azevedo & Gushiken, 2017), devido à perda significativa da arborização e à mudança da paisagem urbana que afetou também os recursos hídricos urbanos, como os mananciais (Romancini, 2005), córregos e rios impactados tanto pela poluição quanto pelas obras de infraestrutura, apresenta-se como fenômeno que sustenta a necessidade de pensar na construção dessa paisagem e nas modificações dadas no habitat da cidade.

Assim, a paisagem concebida da cidade nos conduz a pensar nas imagens que a representam. Michel de Certeau faz alusão à altitude na percepção do cotidiano da cidade, mencionando que o espectador é uma espécie de *voyeur* dada sua elevação: “Coloca-o à distância. Muda num texto que se tem diante de si, sob os olhos, o mundo que enfeitiçava e pelo qual se estava ‘possuído’” (CERTEAU, 2012, p. 158).

As imagens do alto, mesmo não representando a totalidade da paisagem, tem sido colocadas como meio através da análise do skyline ou panorâmica. Conforme Ferrara (2008), o skyline proporciona uma imagem da verticalidade como valor simbólico de uma cidade para o mundo, constituindo uma imagem midiática. O skyline é o gráfico que aparece como reflexo das variações de poder econômico da cidade, deste modo circulam no mundo imagens de poder, desde as pirâmides de Quéops passando pelos edifícios mais altos em Taipei, Nova York, Dubai ou São Paulo.

A altitude como dimensão comunicativa da cidade mostra a necessidade de “verticalizar para fazer ver” (FERRARA, 2008, p. 41). Assim, em termos de vegetação urbana são ponderadas

as paisagens de cidades verticalizadas que incluem manchas verdes urbanas de grande tamanho como o caso do Central Park em Nova York ou do Parque Ibirapuera em São Paulo. Em consonância ditas paisagens mostram o desenvolvimento de uma vida verticalizada e cosmopolita e o controle da natureza para fins como o lazer. Sobre Cuiabá, em uma das principais imagens de skyline é aquela que mostra o Parque Mãe Bonifácia que aparece cercado por prédios que tem mostrado o crescimento vertical da cidade.

Porém, no caso de Cuiabá, uma fotografia tirada de um andar alto num prédio qualquer permite pensarmos a paisagem salientando o conjunto de elementos que a compõem. Na imagem, registrada num bairro no entorno do Centro, é possível notar que a vegetação urbana presente nas vias públicas como projeto de arborização é mínima em relação à vegetação do interior dos espaços residenciais, os quintais. Essa característica, no entanto, vem sendo ameaçada pela ocupação comercial dos bairros residenciais que propõe outras formas de habitar a cidade.

Figura 1. Vista panorâmica de Cuiabá



A mudança das funções e concepções do espaço urbano e o crescimento acelerado da população implica na retirada da cobertura verde pelos empreendimentos, processo no qual quintais vão sendo transformados em espaços com outros usos.

Cuiabá e seus quintais

Os quintais são fragmentos da paisagem anexos à casa dedicados à plantação de alimentos e, às vezes, à criação de animais domésticos. O estudo dos quintais como elementos do espaço doméstico demanda pensar na relação das atividades de casa e no local desde sua condição de ambiente privado, cujo possível “não diálogo” com a cidade não é considerado a partir de sua relevância como um lugar de encontro e, além disso, que não se estenda a compreensão de sua contribuição à paisagem da cidade.

Nessa situação de marginalização, ponderamos o quintal como relevante na interpretação da cidade, considerando as formas de moradia tradicionais e as manifestações culturais que dependem desse espaço, mas também supõe uma contribuição, no que diz respeito à cobertura verde urbana, pois, conforme Sal, García e Doña (2014), os quintais dos ecossistemas tropicais e subtropicais são fundamentais para a conservação da biodiversidade global.

Os quintais foram considerados os primeiros espaços verdes formais das cidades brasileiras, antes dos parques e praças (DOURADO, 2004), e são um elemento importante da moradia no Brasil, considerando o seu nascimento junto com o da casa brasileira (SILVA, 2004).

Em Cuiabá, os quintais urbanos são reminiscências da intensidade da vida agrícola brasileira, marcada por períodos de estagnação. Freire (1997) menciona a ligação dos quintais com a necessidade de abastecimento que a população cuiabana atravessava durante o século XVIII: “A lembrança residual dos tempos de escassez e extrema penúria em Cuiabá no século XVIII, contribuiu na constituição da prática de se plantar quintais levando em consideração as raízes tão profundas do costume entre os cuiabanos.” (1997, p. 81).

A distribuição do lote da casa brasileira apresentava a construção na frente, sem recuos laterais e na parte traseira um grande espaço (SILVA, 2004). Em Cuiabá, Freire (1997) aponta que a distribuição do espaço no lote urbano era dado no sentido da rua para o fundo do quintal e correspondia a um certo padrão: “O esquema organizacional constituía-se em: corpo da casa, varanda e cozinha, pequeno pátio interno onde se localizava o poço, forno e plantas ornamentais, plantas medicinais, horta e árvores frutíferas” (p. 81).

A diferença das casas da América espanhola, o espaço doméstico da casa da América portuguesa, apresentava uma alta densidade de arbórea (SILVA, 2004), enquanto as casas do primeiro modelo eram caracterizadas pela presença dos pátios.

As atividades que configuravam o espaço do quintal eram tanto de subsistência quanto de convivência (SILVA, 2004), constituindo parte do cotidiano da vida privada. A diferença dos pátios que remetem à relação do espaço com a elite brasileira, o quintal poder-se-ia considerar um lugar mestiço pela ocupação e desenvolvimento de saberes e técnicas de indígenas, africanos e europeus.

Por causa dos processos de metropolização das cidades brasileiras ao longo do século XX, conforme Silva (2004), o lar como unidade de produção se transformou em unidade de consumo. Tais modificações fizeram com que o quintal, entre outras áreas da casa, assumisse o lugar, por exemplo, da garagem para automóveis, perdendo sua função de abastecimento e subsistência.

Nesse processo de modernização que traria consigo ideias de um modo de vida mais urbano, “nas residências de classe média, impôs-se uma estética cada vez mais assepsia, onde os espaços não construídos foram pavimentados e impermeabilizados”, aponta Silva (2004, p. 74).

Em Cuiabá, por conta da expansão da cidade e a criação de novos bairros, especificamente do CPA-1 nos anos 70, seguindo Freire (1997), a linguagem arquitetônica das casas populares mudou e a casa-padrão sofre alterações, em decorrência da imposição de discursos que reformulam os signos da casa, até esse momento, socialmente produzidos. O autor, afirma que ainda assim o morador pensava sua casa desejada considerando os referentes de espaços de suas vivências.

Perante um novo tipo de moradia, o quintal foi proposto, em várias ocasiões, como espaço natural ou artificial, dado ao confronto na linguagem arquitetônica entre o construído e não-construído. Freire (1997) aponta que o redesenho de resistência cultural manteve o quintal mais amplo e plantado, enquanto o modelo hegemônico de redesenho da casa, que privilegiava a visão de modernização, rejeitou o quintal.

Quintais e manifestações culturais

No auge da metropolização brasileira, é importante refletirmos ainda sobre as reminiscências do que foi levado da vida rural para o urbano, ponderando as preocupações sobre a reflexão da

realidade social para além dos veículos massivos de comunicação. O estudo de feiras, festas religiosas, entre outras manifestações que pensavam a construção da cultura a partir do lugar e do lugar a partir da cultura (BERQUE, 2012), apresentavam desde a proposta de Luiz Beltrão grande relevância para pensar o vigor dos lugares como folkcomunicaçãois, previstos de afetos. Como menciona Gushiken (2011, p. 7):

O que a folkcomunicação sugere, em sua singularidade teórica, é atribuir protagonismo à outra margem social, com suas histórias ordinárias do mais banal cotidiano, o que inclui as pessoas comuns, aquelas que não necessariamente fazem parte da elite que produz a margem mais dinâmica e suntuosa da vida moderna.

Assim, a concepção da paisagem cultural transpassa a mediatização para considerar uma cidade vivida que desde a experiência consiga constatar a construção social dada sobre as ideias do território na sua materialidade e simbolismo, neste caso, em relação com as formas de expressão das camadas populares através do folclore.

Luiz Beltrão esclareceu que o intuito do estudo da folkcomunicação não era pensar o folclore como estático. Assim o reconhecimento também da cultura como dinâmica traz a interpretação da importância dos quintais para compreender a cidade não desde o saudosismo, mas desde a reflexão das transformações de Cuiabá que passa pela reinterpretação das práticas e saberes constitutivos da cidade e associados ao espaço geográfico.

Nos dias atuais onde a globalização e outros processos como a gentrificação visam a favorecerem a construção de cidades genéricas, organizadas, higienizadas de uma vida mais entrópica, o olhar sobre as práticas endêmicas é de grande relevância ao contemplar o universo existencial do profundo da cidade. Porém, também consideramos que existem múltiplas transformações que exigem da vida uma adaptação aos processos de cada cidade, considerando por exemplo as atividades de trabalho, domésticas ou de lazer.

A análise da paisagem cultural permite pensar na relação espaço e natureza a partir do sujeito coletivo. Como aponta Agustin Berque, sobre “como a sociedade a produz, a reproduz e transforma em função de certa lógica”. (1998, p. 239).

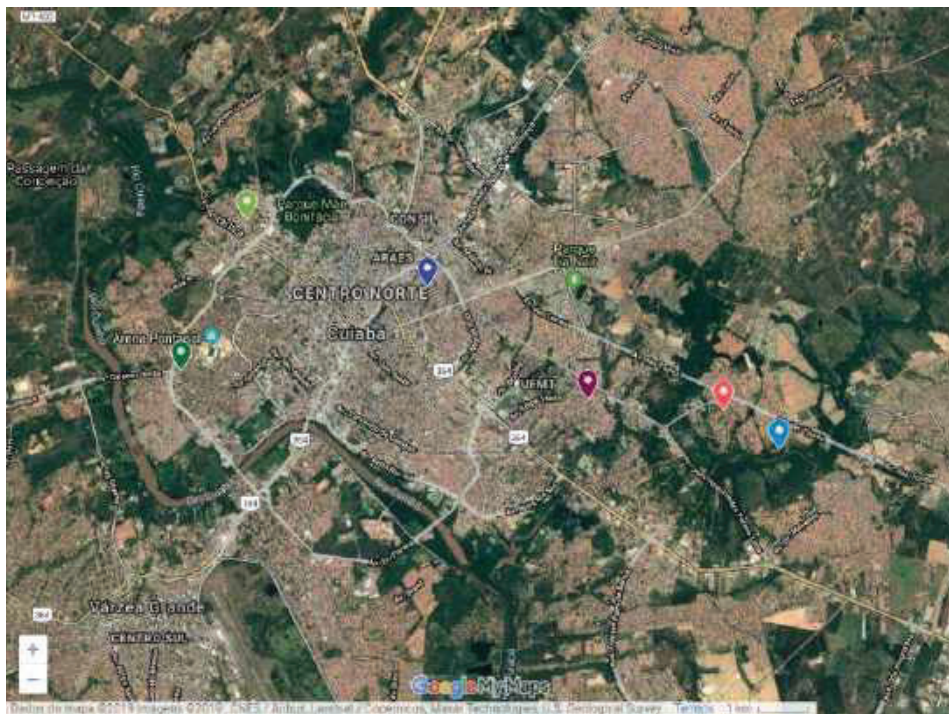
Gushiken (2011) aponta a importância de pensar na produção de sentido como possibilitadora da dimensão comunicacional das práticas folclóricas, considerando-se à cultura como da

produção, circulação e consumo de informações. À luz da folkcomunicação, os quintais são lidos como lugares que possibilitam o desenvolvimento de rituais devido à sua conexão com o espaço de casa, cuja funcionalidade afeta diretamente a ritualização dos fazeres domésticos como a preparação de alimentos, limpeza das roupas, entre outros, mas também constitui um espaço de lazer e de encontro.

Considerando os quintais como lugares de afetos a pesquisa de carácter qualitativo propõe como metodologia conhecer ditos espaços através de pessoas que referenciam a outras que possuem uma casa com quintal. O ingresso ao quintal desde a consideração da abordagem da casa como espaço privado, tem permitido enxergar uma relação mais íntima das pessoas com a natureza presente no quintal, levando em consideração que diferente de outros espaços, o quintal é um espaço que demanda o cuidado humano, segundo Sal, García e Doña (2014).

A metodologia proposta para conhecer os quintais vem permitindo apreender os vínculos materiais e simbólicos dos moradores com a paisagem do quintal através de conversas espontâneas, ainda que guiadas por um roteiro. Deste modo, tem sido possível conhecer as práticas e saberes ali possibilitados, como a culinária, a agricultura em pequena escala, entre outras realidades vividas nesses espaços. Durante a pesquisa, em andamento, temos estudado, através de várias visitas, seis quintais, localizados em diversas regiões da cidade (ver figura 2), mostrando a reprodução desse tipo de moradia, mesmo com o crescimento da cidade.

Figura 2. Mapa de distribuição dos quintais da pesquisa de doutorado “Quintais: Lugares, saberes e afetos na paisagem cultural em Cuiabá”.



Fonte: Mapa elaborado para a pesquisa por meio do Google Maps, 2019.

Conforme a figura 2, mencionamos que as casas pesquisadas correspondem aos bairros Boa Esperança, Lixeira, Jardim Universitário, Santa Rosa II, Cidade Alta e Jardim Imperial II, que como registrado representam uma superfície da cidade, apresentando uma amplitude sobre a reprodução do modelo arquitetônico do construído e não-construído. Como complemento à observação direta também, consideramos a imagem de satélite com fins de evidenciar a importância da mancha verde que o quintal representa no espaço da cidade

A experiência de visita a dois quintais: um tradicional e um quintal de bairro, mostram a importância desses espaços para as práticas culturais no cotidiano na cidade de Cuiabá. O primeiro quintal evidencia práticas de moradia, relações de cuidado de plantas e animais e os saberes associados aos recursos da natureza. O segundo quintal apresenta-se como espaço de sociabilidade comunitária, no qual se realiza uma feijoada visando arrecadar recursos para tratamento de uma pessoa com câncer, evidenciando a produção do lugar como condição de vida social.

O primeiro quintal denominado como tradicional, devido ao perfil da cuidadora Dona Joana, cuiabana, de 84 anos, e da percepção do espaço construído e não construído está localizado no

bairro Lixeira. O local apresenta uma elevação geográfica, à qual o quintal se adapta. A informante menciona que sua relação de afeto com o quintal é importante para sua vida, embora os filhos restrinjam a permanência e cuidado do quintal por questões de saúde. Ela expressa que os conhecimentos de cuidado do quintal se devem a troca geracional, pois seus pais ensinaram o hábito e ela deu continuidade às práticas e saberes.

Na hora de expor o quintal, a informante mostra o lugar como se fosse um mapa de acordo com as atividades que realiza. Árvores de grande porte: coleta de frutas; plantação de banana e mandioca: espécies de frequente uso na cozinha que também são alimento para as galinhas que cria no local e que riscam o chão retirando as plantas de mandioca; o lugar no chão onde improvisa um fogão a lenha; e, um espaço de sombra embaixo das árvores onde há uma mesa e cadeiras, onde compartilha tempo com filhos e netos.

Figura 3. Dona Joana expondo seu quintal e seus usos.



Dona Joana manifesta que a produção do quintal é compartilhada com familiares, amigos e também é disposta para o aproveitamento de aves como araras, tucanos, joões-de-barro, entre outros, que frequentam o local à procura dos frutos. Ela também desenvolve uma pequena produção artesanal de doce de caju, marca identitária na culinária cuiabana, que é vendido com a marca “Cajuana”, jogo de palavras de Caju e Joana.

Figura 4. Doce de Caju artesanal com a produção do quintal



Na maioria dos quintais cuiabanos é perceptível a presença de árvores de grande porte como mangueiras (*Mangifera indica*), jaqueiras (*Artocarpus heterophyllus*), e outras de menor porte, como bananeiras (*Musa spp*), espécies que foram introduzidas pelos portugueses, durante a época da colônia, o que transformou a paisagem local. No entanto, existem espécies brasileiras como os cajueiros (*Anacardium occidentale*) e goiabeiras (*Psidium guajava* L.) que se mantêm na paisagem. Como singularidade, o quintal de Dona Joana, caracterizado pela presença de árvores de grande porte, como fruta-pão (*Artocarpus altilis*), oriunda da Malásia, e da pitombeira (*Talisia esculenta*), possivelmente originária da zona ocidental da Amazônia.

No que diz respeito à plantação de espécies, a informante manifesta que o lugar não foi projetado e a conformação de espécies obedece à lógica de troca de mudas ou sementes que ela adquire de outros quintais, também compartilhando suas plantas e sementes com outras pessoas.

O segundo quintal é considerado como coletivo, graças a sua dimensão, visitação e uso. Localizado no bairro Santa Rosa II, o quintal foi aberto durante um dia domingo para a realização de uma feijoada, atividade de comensalidade coletiva, proposta com fins de arrecadar recursos para uma pessoa com câncer.

Para a organização do evento, a coletividade dá apoio à paciente através da doação de insumos (arroz, feijão, linguiça, carne, pratos e talheres plásticos etc.) e também de tempo para a preparação dos alimentos. O restante dos participantes colaborava através do pagamento do ingresso pelo valor de R\$ 25, que dá acesso às pessoas ao local, à comida e às atividades programadas.

No grande quintal foram dispostas numerosas mesas e cadeiras de plástico, algumas à sombra das grandes mangueiras que preenchiam o local e outras expostas ao sol do meio-dia, que em Cuiabá, devido à intensidade, obrigava à constante reorganização do espaço.

Na zona lateral localizava-se uma cozinha onde algumas mulheres descascavam e cortavam laranjas em rodelas, em quanto outros colaboradores cuidavam de grandes panelas colocadas em fogões a lenha, que lembrava o panorama dos antigos quintais onde, conforme Silva (2004), eram instaladas as denominadas “cozinhas sujas”, dispostas para a preparação de alimentos mais demorados e que emitiam mais calor. Nesse espaço a arborização era representada por uma laranjeira (*Citrus sinensis*), mangueiras (*Mangifera indica*) e uma aceroleira (*Malpighia glabra*). A plantação, ainda na configuração de este espaço coletivo, representa uma contribuição à paisagem da cidade fornecida especialmente pelas mangueiras.

Figura 5. Cozinha disposta para a preparação da feijoada



Neste contexto a ligação cozinha-quintal não é a do abastecimento, mas sim a disposição de um espaço de encontro onde fossem servidos os alimentos para uma grande quantidade de pessoas, que aguardavam a comida. Durante a atividade foi aberto o bar, organizado em um quarto de uma pequena construção, onde eram vendidas bebidas com cerveja, água, refrigerante e suco.

Na mesa principal, coberta por um toldo piramidal que protegia a comida da exposição ao sol, foram servidos vinagrete, couve picada, farofa, arroz, feijoada, rodela de laranja e cebolinha cortada, acompanhados de pimenta natural e artesanal.

Figura 6. Mesa servida com a feijoada e outros acompanhamentos.



Outro dos momentos da atividade foi marcado pela emotividade da fala da pessoa com câncer, quem compartilhou a experiência de padecer a doença, expondo os momentos mais críticos de sua vivência e outros momentos de esperança. O sentimento expressa não só uma situação isolada, mas reflete sobre a precariedade dos sistemas de saúde dos países latino-americanos, que apresentam trâmites burocráticos e financeiros que acrescentam a dificuldade do tratamento de doenças graves para as camadas populares.

O almoço teve a animação de uma banda de lambadão cuiabano, dança representativa da Baixada Cuiabana, território mato-grossense composto pelos municípios: Acorizal, Barão de

Melgaço, Campo Verde, Chapada dos Guimarães, Cuiabá, Jangada, Nobres, Nossa Senhora do Livramento, Nova Brasilândia, Planalto da Serra, Poconé, Rosário Oeste, Santo Antônio do Leverger e Várzea Grande.

A dança, considerada periférica em relação à produção cultural da região, apresenta uma rítmica rápida e alegre. Executada aos pares, foi dançada em sua maioria por mulheres que disfrutaram dos movimentos velozes e das longas músicas interpretadas pela banda.

Figura 7. Dança de lambadão cuiabano durante evento beneficente.



O quintal do bairro Santa Rosa II apresentou a partir de sua configuração e uso um lugar folkcomunicacional onde a compreensão do mundo social, revela situações de vulnerabilidade e restrição aos serviços de saúde para as camadas de baixa renda que propiciaram um encontro coletivo com fins solidários no meio do desenvolvimento das manifestações culturais cuiabanas como a comida, a música e a dança.

Considerações finais

Perante as transformações apresentadas em Cuiabá, no seu processo de metropolização, caracterizada pela organização de uma vida mais urbana, incluindo formas de moradia

padronizadas como os prédios e condomínios fechados, os quintais são fragmentos de paisagem diferenciais da cidade.

A configuração espacial da concepção casa-quintal, não unicamente propicia uma reflexão sobre a cultura dos ambientes domésticos e o desenvolvimento da vida privada de uma cidade tropical como Cuiabá, mas do encontro coletivo. O quintal como lugar folkcomunicacional revela não somente o espaço construído como possibilitador do folclore, mas da importância epistêmica que o quintal como espaço não-construído que constitui a paisagem cultural da cidade.

A presença de várias espécies arbóreas que fazem parte da concepção simbólica da cidade como as mangueiras, são parte da imposição dos portugueses que traziam para o Brasil as espécies para manter seu consumo de alimentos, intervendo a paisagem e mudando as práticas e saberes locais, criando uma história cultural do Brasil e de Cuiabá a partir da mestiçagem de práticas da cidade.

A estética dos quintais ao ser um produto singular dado da relação do cuidado humano com a natureza apresenta possibilidades do estudo das multiplicidades da cidade em contribuição com a cobertura verde da cidade, acrescentando o repertório cultural, simbólico e comunicacional de Cuiabá.

Referências

- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.
- BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. **Geografia cultural: uma antologia**, v. 1, p. 239-243, 2012.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- COSGROVE, Denis. (2012). A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 219-237.
- DOURADO, Guilherme Mazza. Vegetação e quintais da casa brasileira. **Revista Paisagem e Ambiente**, São Paulo, n. 19, p. 83-102, 2004.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Cidade: meio, mídia e mediação. **MATRIZES**, v. 1, n. 2, p. 39-53, 2008.
- FREIRE, Júlio de Lamónica. **Por uma poética popular da arquitetura**. Cuiabá: Edufmt, 1997.

ASSIBERCOM

Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação
XVI Congresso IBERCOM, Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, 27 a 29 de novembro de 2019

GUSHIKEN, Yuji. Folkcomunicação: interpretação de Luiz Beltrão sobre a modernização brasileira. **Razón y Palabra**, v. 16, n. 77, 2011.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Cuiabá**. 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mt/cuiaba.html>

MEDINA, Heidy Bello; DE OLIVEIRA AZEVEDO, Maria Thereza; GUSHIKEN, Yuji. “100em1Dia Cuiabá”: Micropolíticas urbanas, mobilização social e ações para a cidadania. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v. 15, n. 34, p. 42-57, 2017.

Prefeitura Municipal de Cuiabá. **Evolução do Perímetro Urbano de Cuiabá – 1938 a 2007**. IPDU - Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano. Cuiabá: 2007.

ROMANCINI, Sônia Regina. **Cuiabá: paisagens e espaços da memória**. Cuiabá: Cathedral publicações, 2005.

SILVA, Luís Octávio da. Os quintais e a morada brasileira. **Cadernos de arquitetura e urbanismo**, v. 11, n. 12, 2004.